

Amélia Pinto Pais

PADRE ANTÔNIO VIEIRA,

O IMPERADOR DA LÍNGUA PORTUGUESA



ilustrações
Mariana Newlands


CIA. DAS LETRAS

Copyright do texto © 2008 by Amélia Pinto Pais
Direitos mundiais reservados a Ambar
Copyright das ilustrações © 2010 by Mariana Newlands
Edição apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas/Ministério da Cultura de Portugal



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Padre António Vieira — o Imperador da Língua Portuguesa

Capa e projeto gráfico: Mariana Newlands

Composição: Lilian Mitsunaga

Preparação: Ana Maria Alvares

Revisão: Veridiana Maenaka e Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Pais, Amélia Pinto
Padre Antônio Vieira, o imperador da língua portuguesa /
Amélia Pinto Pais ; ilustrações de Mariana Newlands. – São
Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1730-7

1. Literatura infantojuvenil 2. Oratória portuguesa 3. Vieira,
Antônio, 1608-1697 1. Newlands, Mariana. II. Título.

10-07895

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Vieira, Antônio : Literatura infantojuvenil 028.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — SÃO PAULO — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Parte I: MINHA VIDA 9

1. De Lisboa a Salvador da Bahia (1608-41)..... 13
2. Regresso e permanência em Portugal e missões na Europa (1641-53)..... 21
 - 1646 a 1653 — Na Europa, como diplomata..... 23
3. De regresso ao Brasil — O missionário (1653-61)..... 31
4. Em Portugal, de novo: 1661 e seguintes — Processo inquisitorial sofrido 39
 - Última passagem por Roma (1669-75) 43
5. Na Bahia — Os meus últimos anos (1681-97) 45

Parte II: EXCERTOS DE SERMÕES E CARTAS 53

Anexos 91

1. O sermão segundo o modelo jesuíta 91
2. O que foi o Tribunal do Santo Ofício, ou Inquisição 93

António Vieira

O céu estrela o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
Constelado de forma e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Fernando Pessoa, *Mensagem*

Parte I

MINHA VIDA



Convidaram-me para contar aos mais novos quem fui, como foi a minha longa vida de oitenta e nove anos, o que fiz, como me saí (geralmente pouco bem) de algumas tarefas complicadas, em luta contra interesses de vários — e dizem-me que, se fui muitas, talvez mesmo demasiadas vezes perseguido pelas minhas ideias e ações, acabei por ser considerado pelos tempos afora uma espécie de imperador, o tal “imperador da língua portuguesa” de que haveria de falar um grande poeta português do século XX, Fernando Pessoa. Não posso me queixar, portanto, visto que ainda sou lembrado e que se festejaram, em 2008, os quatrocentos anos do meu nascimento, em Lisboa, capital do então Império Português, construído tantas vezes com sangue, suor e lágrimas, as “lágrimas de Portugal” que povoam o *mar salgado* que une a Europa à África e à Ásia — e, a partir de 1500, a essa minha outra pátria querida, o Brasil, “achado” por Pedro Álvares Cabral (pelo menos é esse o ano e o capitão da expedição oficialmente aceitos) e seus marinheiros, deslumbrados com as maravilhas encontradas e com os

índios que tão bem os receberam (mal sabiam eles quanto tal “achamento” lhes seria penoso depois).

Fui padre jesuíta — numa época em que a Companhia de Jesus, fundada em 1534, em Paris, pelo padre espanhol Inácio de Loyola, procurava missionar as Américas convertendo as tribos indígenas e instalando escolas, igrejas e colégios um pouco por toda parte. Fui estudante num desses colégios, fui missionário, e fui também político, tendo passado a vida entre Portugal — a minha pátria natal — e o Brasil, essa outra pátria que eu disse dever ser considerada *mátria* (ou frátria, diria muito depois um tal Caetano Veloso, cantor e poeta de canções de que tantos tanto gostam atualmente) e onde eu viria a falecer.

Bem, tudo tem um começo e ele vai tardando. Vamos então a ele.

1. DE LISBOA A SALVADOR DA BAHIA (1608-41)

Nasci em Lisboa, em 4 de fevereiro de 1608, filho de pai branco, de origem alentejana, e funcionário público, depois destacado para o Brasil; e de minha mãe, lisboeta, filha de mãe (a minha avó) negra.

Nasci perto da Sé e não muito longe do santo de quem herdei o nome de Antônio, o tal que um dia, na Itália, onde se juntara a Francisco de Assis, pregou aos peixes, os quais, segundo se conta, puseram as cabecinhas de fora e o ouviram atentamente. Fui o primeiro dos quatro filhos de meus pais, Cristóvão Vieira Rovasco e Maria de Azevedo.

Quando eu tinha apenas um ano de idade, meu pai emigrou para a Bahia, no Brasil, para ser escrivão e mais tarde secretário do Tribunal da Relação da cidade.

Em Lisboa, comecei a aprender a ler e escrever com a minha querida mãe.

Mais tarde, meu pai regressou para vir buscar-nos para viver com ele — tinha eu então já uns sete ou oito anos, visto a viagem ter sido feita entre 1615 e 1616. Eram difíceis as viagens



por mar, muitas vezes tempestuoso — o barco encalhou já pertinho do Brasil e quase se perdeu. Muitas vezes haveria de fazer outras viagens e de passar por outros naufrágios e por várias dificuldades — salvei-me sempre, quase que diria “milagrosamente”, para cumprir o meu destino de homem e de padre.

Aos quinze anos, contra a vontade dos meus pais (tive de fugir de casa), entrei para o colégio jesuíta em Salvador da Bahia; tive inicialmente algumas dificuldades de aprendizagem, mas aos poucos elas foram superadas e alcancei mesmo alguns êxitos como estudante de retórica (a arte de pregar e convencer os ouvintes), filosofia e teologia, as três grandes áreas da formação de um bom jesuíta — haveria mesmo de vir a ser professor nessas áreas.

[Um breve parênteses para lhes falar de alguns aspectos interessantes — diria quase pitorescos, ou extravagantes — do que era o ensino jesuítico, principalmente o da retórica. Éramos convidados a debater nossas ideias e arranjar argumentação para a defesa convincente delas. Questões como o que fazia Deus antes de criar o mundo; se poderia tê-lo feito de outra maneira, criando, talvez, mundos mais perfeitos que este que temos; qual a grandeza da Virgem Maria... Claro que tais exercícios se destinavam a estimular o nosso poder de argumentação — bem necessário a futuros pregadores. Devo confessar que sempre me fascinou pensar e argumentar sobre questões dessa ou de outra natureza teológica mais “séria”, digamos, tendo mesmo, num dos meus sermões, defendido a supremacia de Maria sobre seu filho Jesus Cristo, o que era considerado quase uma heresia pela Igreja, e num outro que são Pedro era também, como Jesus Cristo, filho do Espírito Santo.]